



A Produção de Imagens em um Estudo sobre a Leitura ¹

Sérgio Luiz Alves da Rocha²

Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Apresento um recorte de minha pesquisa de doutorado na área da educação utilizando métodos etnográficos. O objetivo mais amplo da pesquisa foi o de discutir com professores e alunos de uma escola pública de ensino médio do Rio de Janeiro algumas questões relacionadas com as suas práticas de leitura. Em termos metodológicos optei por utilizar imagens fotográficas feitas pelos sujeitos pensando que elas seriam um modo de romper com as possíveis resistências à participação na pesquisa. Elas também proporcionaram o ponto de partida para a realização das entrevistas. No decorrer do trabalho a produção das imagens trouxe importantes contribuições do ponto de vista da discussão das relações entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, do fazer da pesquisa e em relação às discussões dos temas relacionados à leitura.

Palavras-chave

Imagens; Leitura; Etnografia; Educação; Metodologia

Introdução

O debate sobre a questão de leitura sofreu grandes alterações nos anos recentes. A principal delas, refere-se à questão do reconhecimento das potencialidades daquelas tecnologias que lidam com a “imagem da escrita” e que potencializaram suas possibilidades. Com isso, cada vez menos, podemos estabelecer uma relação imediata entre os usos de tais tecnologias e o declínio das práticas de leitura.

Este texto pretende abordar outra possibilidade de uso da imagem, associando-a ao tema da leitura. Nele discutirei o uso das imagens em uma pesquisa que tinha como principal objetivo debater com professores e alunos de uma escola pública de ensino médio do Rio de Janeiro algumas questões relacionadas com as suas práticas de leitura. Em termos teórico-metodológicos optei por utilizar imagens feitas pelos sujeitos pensando que elas seriam um modo de romper com as possíveis resistências à participação na pesquisa. Elas também proporcionariam o ponto de partida para a realização de um conjunto de entrevistas sobre o tema.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Educação – ProPEd / UERJ. Professor do Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos, email: slarocha@hotmail.com.



No início da pesquisa a proposta era a de produção de um vídeo sobre leitura pelos alunos da escola, que se encarregariam de entrevistar os professores da escola e também seus colegas. Um conjunto de gravações foi produzido com esse objetivo. Entretanto, com o decorrer da pesquisa surgiram algumas dificuldades, não relacionadas à dinâmica da pesquisa, que interromperam a continuidade do trabalho. Como tinha um tempo determinado para a realização do projeto, optei então pelo uso de imagens fotográficas. Pedi então que os sujeitos da pesquisa produzissem algumas imagens que no seu entender representassem a existência de leitura no interior do espaço escolar.

O conjunto de produções imagéticas realizada no interior da pesquisa foi considerado como uma produção cultural, como possibilidade de compreender “os múltiplos pontos de vistas que os homens constroem sobre si próprios e sobre o mundo, de seu comportamento, seus pensamentos, seus sentimentos e suas emoções em diferentes experiências de tempo e espaço” (PORTO ALEGRE, 1998, p.76-77). Este texto apresenta algumas das questões relacionadas ao uso da imagem como recurso teórico-metodológico.

Claros e escuros

No processo de produção das imagens, seus produtores se envolvem em decisões de inclusão e exclusão dos elementos que compõem a realidade. Cada imagem exprime muito menos e muito mais daquilo que pretende representar. No caso da imagem fotográfica, privilegiada a partir de um determinado momento da realização de minha pesquisa, ela exprime muito menos na medida em que o instante congelado, “retrato vivo da coisa morta”, representado pela foto nunca se repetirá e que a representação do evento não é sua cópia fiel, mas o resultado de um processo de seleção que produz, ao mesmo tempo que a visibilidade de alguns aspectos, a invisibilidade de outros. A “fotografia diz menos do que o acontecido”. (MARTINS, 2008b, p.43).

Esse jogo entre visível/invisível carrega consigo toda a potencialidade das imagens. Como diz Martins, o fotografo não captura somente aquilo que se dá a ver diante das suas lentes, mas também as descontinuidades entre aquilo que “pensa ver e o que está lá, mas não é visível”. Nesse sentido, continua o autor, a fotografia é muito mais um indício do irreal do que do real. Ela é um “suposto real”, considerado como elemento “necessário e próprio da reprodução das relações sociais e de seu respectivo



imaginário”. Ela revela também o que está ausente, dando-lhe visibilidade. (MARTINS, 2008b, p.28-29).

Com isso Martins questiona o caráter de precisão da imagem fotográfica vendo nela a possibilidade de potencializar os questionamentos sobre a vida social na medida em que ela permite ver “o que por outros meios não pode ser visto”.

Na escola em que fiz o estudo é recorrente entre os professores a ideia de que os alunos não lêem. Entretanto, diversos foram os momentos em que as imagens capturam alunos lendo em diferentes situações e diferentes suportes. Imagens de alunos estudando nos diversos espaços da escola também ganharam destaque, contrastando com o discurso comum de que não há interesse pelo estudo.

A imagem não vale apenas pelo seu valor de face. Como já dissemos, em certo sentido ela também expressa muito menos do que aquilo que retrata. Nada mais óbvio em uma pesquisa realizada no espaço escolar, por um professor, sobre o tema da leitura do que a quantidade de fotos que de alguma forma representam a biblioteca, um total de 36 imagens entre as quais selecionei algumas para trazer ao texto.

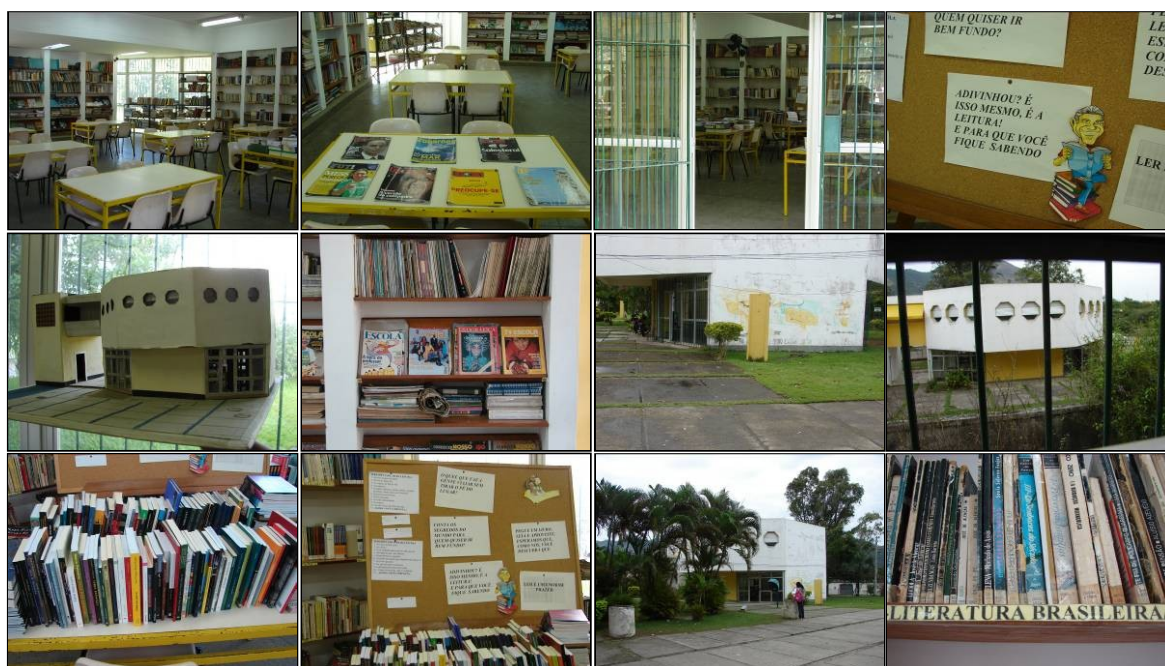


Figura 1 – Algumas das fotos que incluem a biblioteca.

As variadas fotos da biblioteca são índices nos termos propostos por Martins. Elas são uma maneira de mostrar aquilo que é único de diferentes maneiras. Ao produzi-las cada sujeito pretendeu salientar um aspecto que considerava relevante em relação a esse espaço específico. Múltiplos olhares emergiram a partir daí,

interpretações que variaram da sua consideração como um espaço morto até como um espaço fundamental de acesso e democratização da leitura do livro impresso, passando pela leitura dos gibis entre outros suportes. As imagens que representam este espaço ganham, assim, diferentes significados quando inseridos no processo de sua produção.

Se a biblioteca foi fotografada por diferentes pessoas a partir de múltiplas perspectivas, o que dizer do conjunto de imagens abaixo?



Figura 2 – Montagem feita a partir de imagens produzidas pelos sujeitos da pesquisa.

Neste caso temos imagens muito similares feitas por pessoas diferentes. Quando me deparei com elas achei muito curioso porque muito tempo antes de eu pensar em utilizar as imagens fotográficas como recurso teórico-metodológico, eu havia produzido algumas imagens no interior do espaço escolar. Entre elas estão as duas fotografias da figura 3, tiradas em sequência, no mesmo dia.

Analisando as potencialidades do uso da imagem fotográfica na pesquisa, Boris Kosoy, distingue analiticamente o momento de sua produção do momento de sua trajetória. O processo de elaboração ou de construção da imagem inclui a sua concepção, construção e materialização que variará de acordo com os indivíduos. Uma

vez produzida, a imagem cumprirá uma trajetória que a disponibilizará, fazendo-a circular no tempo e no espaço. Ela será interpretada por aqueles que a produziram e por outros. Esse duplo caráter de construção da imagem, seja na sua produção, seja na sua recepção, constitui o que Kosoy qualifica como seu valor “documental”. A realidade fotográfica seria: “[...] uma realidade moldável em sua produção, fluida em sua recepção, plena de verdades explícitas (análogas, sua realidade exterior) e de segredos implícitos (sua história particular, sua realidade interior), documental, porém imaginária.” (KOSOY, 2005, p. 44).



Figura 3 – Montagem a partir de fotos produzidas pelo pesquisador.

Neste sentido, ainda quando diferentes sujeitos fotografam uma “mesma” cena, objeto ou processo, suas considerações a respeito de suas produções são muito distintas, o que nos remete à polissemia das imagens.

Ao observar o conjunto de fotografias que compõem as montagens das figuras 2 e 3, produzidas respectivamente pelos sujeitos da pesquisa e pelo pesquisador, aparentemente nos deparamos com o mesmo, reproduzido inúmeras vezes. Mas ao ouvir as razões que levaram cada sujeito a produzir a sua imagem vemos que cada uma delas refere-se a diferentes aspectos.

Hayres, uma das alunas que participou da pesquisa (primeira foto no canto superior esquerdo), produziu a foto porque observou “um garoto com o livro” e no fundo uma imagem que “não tem muito nada a ver”. Ela associou essa foto ao fato de que “quando uma pessoa lê ela sai do mundo dela. Ela fica totalmente fora de si. Ela nem escuta se você falar com ela”. Concluindo com uma concepção sobre o ato de ler que desloca o leitor da realidade, absorvendo totalmente as suas atenções e os seus



sentidos, deixando-o totalmente imerso no texto que tem diante de si. Laís, por sua vez (segunda foto, canto superior direito), disse que a imagem chamou atenção dela “pelo fato do menino estar sentado com os livros no colo, e a frase também ser chamativa”, fixando-se no valor de face da imagem. Nathália (primeira foto no canto inferior esquerdo) também é um pouco sumária em seus comentários sobre as suas motivações, dizendo que fez a foto porque ela expressa uma mensagem a todas as pessoas que chegam à escola, que logo “dão de cara com o livro”. Por último, o professor Hélcio (segunda foto, canto inferior esquerdo), vê na foto a mistura entre a arte e a leitura. Para ele “Por mais que seja uma frase bíblica, a arte não está sozinha. Tem a leitura da arte, dessa pintura que o cara fez e tem a arte do conjunto”.

Por fim, as imagens que eu produzi derivaram de um conjunto de experiências que eu tive à época e sua realização que me levaram a imaginar a escola como um monumento onde a escrita era um elemento importante. O fato da personagem pintada estar com o livro e a existência de uma frase relacionada a importância da visão também despertaram a minha atenção, por estarem relacionados ao tema de meu interesse.

No contexto das falas dos sujeitos é que podemos distinguir as suas motivações para a composição das fotos e, na medida em que eles comentavam eventualmente as fotos de outros sujeitos da pesquisa, conhecer as diferentes interpretações que eles constroem sobre uma mesma imagem. Só isto impede que o pesquisador assuma o risco de interpretar de maneira livre as fotos feitas pelos sujeitos. Ele até poderia fazê-lo, mas, uma vez que contou com a participação dos sujeitos e está consciente do caráter processual, dinâmico e relacional do empreendimento de pesquisa, a interpretação das imagens produzidas pelos sujeitos deve necessariamente fazer parte do produto final, fornecendo um possível contraponto à sua interpretação.

Quando uma imagem não vale mais do que mil palavras

Durante a realização da pesquisa, em alguns momentos, alguns sujeitos entraram em contato com as fotos produzidas por outros, fazendo sobre elas alguns comentários. Tais comentários nos remetem a importantes considerações sobre o caráter polissêmico das imagens, que dizem respeito à impossibilidade de as imagens, assim como a vida social, apresentarem um significado unívoco.

Vejamos, por exemplo, as duas fotos da figura 4, acima reproduzidas, feitas pela professora Sônia, de Língua Portuguesa, que, no momento da pesquisa, ocupava o cargo de coordenadora pedagógica da escola.

Ao se deparar com a foto da mesa vazia, a aluna Hayres achou que ela “está mostrando a falta de leitura. Está mostrando que as pessoas não vão para o pátio estudar nunca. No tempo vago que tem, não fazem nada.” Já a aluna Samantha ao ver a foto da lixeira, foto da direita, fez o seguinte questionamento: “Será que é porque tem gente que trata a leitura como lixo?”.



Figura 4 – Montagem feita pelo pesquisador a partir das fotos da professora Sônia.

Entretanto, na fala da professora para explicar as razões de produção dessas fotos aparece outra interpretação. Na realidade, no momento da entrevista os comentários que ela fez sobre as fotos que produziu tiveram muita relação com o tema da leitura. O que mostra também que o momento de produção das fotos, ainda que a partir de questões propostas pelo pesquisador, possibilita aos sujeitos trazer à baila outras de suas preocupações.

Retornando às fotos, Sônia durante entrevista explicou as suas motivações para a produção das imagens. No caso da fotografia da mesa ela chama atenção dizendo que “não tem nada ali. É como se fosse um espaço vazio. Um espaço vazio, mas à espera de alguma coisa, porque tem mesas e tem cadeiras. [...] Uma reunião, o pessoal sentar, o pessoal jogar, o pessoal fazer qualquer outro tipo de atividade ali”.

A foto da mesa adquire novo significado quando ao longo da entrevista Sônia manifesta uma profunda decepção com os professores já que em sua avaliação, muito marcada por seu lugar de coordenadora pedagógica da escola, os professores em geral estão muito acomodados e voltados para a prática de sua própria disciplina, não

realizando um trabalho mais integrado e não tendo muito preocupação em despertar a curiosidade dos alunos. Já em relação à lixeira, ela diz que a fotografou porque ela a “remeteu” à lixeira virtual. Ela então estabeleceu uma comparação entre as duas. De acordo com ela, na lixeira representada pela fotografia as coisas uma vez lá colocadas não podem mais ser recuperadas. Em contraposição “na lixeira virtual eu posso [...] recuperar. Porque às vezes eu jogo tudo para a lixeira. Ai de repente você chega assim: enviei tal coisa pra você e fico com aquilo na cabeça. Ai eu vou lá na lixeira. É, se não esvaziar [...] vou lá e recupero uma informação”.

As fotos de Sônia não foram as únicas a chamar atenção quando vistas por alguns sujeitos da pesquisa e mesmo por mim. A professora Ana Maria, de Língua Portuguesa, produziu 4 fotos, que aparecem reproduzidas na figura 5. Ela não foi entrevistada, mas recebeu as 4 fotos feitas e enviou por e-mail um comentário sobre cada uma delas.

A foto que provocou algumas reações de curiosidade, inclusive a minha própria, foi a imagem de uma carteira. Nesse caso as pessoas que observaram a foto não fizeram como no caso anterior interpretações sobre os possíveis significados da foto.



Figura 5 - fotos da professora Ana Maria.

Em seu e-mail Ana Maria digitou:

(Ana Maria) Carteira: É preciso dinheiro para adquirir bons livros, freqüentar teatros (ouvir bons textos), assinar TV com bons canais, enfim o dinheiro facilita ou prejudica a criação do hábito de ler. As pessoas podem priorizar ou não o bom uso do dinheiro. Alguns preferem investir em roupas da moda ou futilidades enquanto outros preferem investir em seu desenvolvimento cultural.

Ana Maria reforça uma oposição entre “o bom uso do dinheiro”, que permite às pessoas “investir em seu desenvolvimento cultural” e o uso nem tão bom ligado ao desejo das pessoas de “investir em roupas da moda ou futilidades”. O bom uso do dinheiro confere acesso aos “bons livros”, ao teatro que possibilita “ouvir bons textos” e aos “bons canais” de TV. O bom ou o mau uso do dinheiro podem facilitar ou



prejudicar “a criação do hábito de ler”. A referência ao argumento econômico na relação com a leitura é muito relevante. Ao longo da pesquisa alguns alunos assinalaram a importância da disponibilização de livros por parte da biblioteca da escola, pois sem ela não teriam como ter acesso ao material para a leitura.

Mas trouxe essas fotos para discutir também outra questão. Disse que é necessário ouvir os produtores das imagens no contexto específico da pesquisa para não autonomizar em demasia as interpretações do pesquisador, conferido-lhes uma autoridade absoluta na interpretação dos dados. Mas, não se trata aqui de supor que o sujeito que produziu a foto pode recuperar os motivos originais que estavam presentes no momento de sua produção.

Vejamos o caso das duas primeiras fotos produzidas pela Professora Ana Maria. Logo que produziu a primeira foto, ela mostrou-se insatisfeita com o resultado. Isso ocorreu porque a sua intenção era a produzir uma imagem onde fosse ressaltado o trecho impresso que fazia referência ao acordo ortográfico. Eu ensinei-a a lidar com o zoom da máquina e ela produziu a segunda foto com o destaque pretendido.

Quando enviei-lhe as imagens não eliminei a primeira foto, que em tese havia sido a tentativa de enquadrar aquilo que no momento chamava a sua atenção. Posteriormente, quando recebi seu e-mail percebi que ela havia comentado também a primeira foto, fornecendo dela uma interpretação. Assim, digitou ela, respectivamente a respeito da primeira e da segunda fotos:

(Ana Maria) FLIP: O evento é maravilhoso na medida em que promove o debate sobre o texto: escrito ou falado, lido ou ouvido, declamado ou cantado. O evento promove a cultura de uma forma ampla e a leitura é base para toda essa proposta. O livro é valorizado, as pessoas interpretam publicamente seus textos e todos são (direta ou indiretamente) estimulados a ler e escrever também. O desejo de ler nasce com a curiosidade e se desenvolve no contato com livros adequados para a faixa etária.

Acordo ortográfico: A questão ortográfica não deve ultrapassar os limites da forma. Devemos ter atenção com a ortografia mas sem perder o foco do conteúdo. O prazer da leitura deve fluir sem a preocupação com a acentuação ou a ortografia. Quem lê sente naturalmente mais facilidade em escrever e essa vontade de ler deve ser estimulada desde cedo. Pouco importa se em uma palavra o ditongo vai ou não ser acentuado, o que importa é a habilidade de se concentrar no texto e se deixar invadir pelas idéias do autor.

O que ocorreu aqui serve para refletirmos nas relações entre o que foi pensado no momento da realização da foto e a sua posterior interpretação pelo sujeito que a produziu, onde entra em cena a relação entre memória e imagem. Como diz Kosoy qualquer fotografia faz sempre referência ao passado, não importando se a um passado



distante ou recente. Ao falar em passado o autor quer dizer que “o momento vivido é irreversível e que as situações, sensações e emoções que vivemos estão registradas no nosso íntimo sob a forma de impressão. A fotografia, obviamente não guarda essas impressões – elas se situam no nível do invisível, além da imagem”. (KOSSOY, 2005, p.42-43).

Imagem e memória articulam-se, na produção de novos significados. Ao produzir uma imagem os sujeitos da pesquisa eternizam um instante fugaz de seu apagamento pelo tempo, produzindo uma determinada memória sobre aquele acontecimento. Mas ao serem confrontados com essas mesmas imagens do passado, de um tempo que já não é mais, eles devem à própria memória a condição de construção de uma ponte entre esses dois momentos. Como diz Bittencourt, posicionando o sujeito entre a imagem de um momento que não mais existe, o passado, e seu estado atual, o presente, a fotografia conclama os sujeitos “a transpor essa descontinuidade por meio da construção de um feixe de significados” (BITTENCOURT, 1998, p. 206)

Imagem: a autonomia e os saberes dos sujeitos

Durante o processo de produção das imagens pude perceber que, mesmo sendo um tema de meu interesse, os participantes puderam estabelecer táticas que lhes possibilitassem algum tipo de reapropriação. Do mesmo modo, ficou patente que sendo a imagem um elemento constitutivo da experiência do homem contemporâneo, constituiu-se em relação a ela um certo saber não só em relação a saber com ela lidar como também na sua produção.

A questão da autonomia manifestou-se de formas diferentes ao longo da realização da pesquisa. Em todas as estratégias que eu havia pensado, os próprios sujeitos manipulariam os equipamentos: filmadoras, tripés e máquina fotográfica. Durante o período anterior à realização das gravações, refleti longamente sobre como seria o uso pelos alunos desses equipamentos.

A manipulação autônoma por parte dos alunos exigia uma total confiança no cuidado que eles teriam com o equipamento que iriam utilizar. Em 2008, os alunos utilizavam uma máquina filmadora que pertencia ao grupo de pesquisa, tendo sido adquirida com dinheiro fornecido por agências de fomento à pesquisa. Além de possuir um custo relativamente elevado era também material inventariado.



Tinha a preocupação em deixar o equipamento com eles durante a semana, pois eles faziam diariamente trajetos longos até as suas casas, utilizando transporte coletivo, ampliando as possibilidades de que algo pudesse acontecer com o equipamento. Quando pensei em deixar com eles o equipamento, eles mesmos também manifestaram tal preocupação de deslocar-se com um equipamento relativamente caro.

Diante dessa preocupação com a integridade do equipamento a primeira questão que se colocava era a de minha presença ou não durante os depoimentos, para zelar pela integridade do mesmo. Não me pareceu adequado com a proposta do trabalho acompanhar de perto as filmagens e, posteriormente, a produção das fotos, pois isto limitaria a ação dos alunos que poderiam perceber minha presença como falta de confiança.

Dessa forma, em 2008, optei por uma posição intermediária, que me pareceu bastante satisfatória. Eu entregava a máquina ao grupo de alunos no início do turno de suas aulas, pois eu tinha de trabalhar em outra escola. Ao final da tarde eu recolhia a câmera no fim das aulas. Como muitas vezes eu tinha de sair antes da chegada dos alunos, combinamos que eu deixaria a máquina sempre com um funcionário que eles conheciam e com o qual relacionavam-se constantemente. No fim das tardes eu sempre chegava mais cedo de forma a me encontrar com os alunos, recolhendo a máquina e conversando sobre as filmagens.

Já em 2009, eu havia adquirido para meu uso pessoal uma filmadora, passando a utilizá-la com os alunos. Posteriormente, quando pensei em utilizar as fotografias, pensei em adquirir uma máquina mais barata, mas o medo de que a qualidade das imagens não fosse boa fez com que eu utilizasse minha máquina fotográfica digital pessoal.

Como esse novo grupo, em 2009, estudava no turno da manhã, onde eu concentrava minhas aulas, não foi necessária toda esta engenharia. Quando desejavam filmar, os alunos retiravam a máquina diretamente comigo, entregando-me após a realização das filmagens. No caso das fotos, eu procurava fazer com que fossem feitas nos momentos em que eu estivesse na escola.

Como esse grupo utilizava minha própria filmadora, ainda que seu custo fosse elevado e fosse uma tecnologia considerada de ponta, fiquei cada vez mais à vontade para deixar o equipamento em suas mãos. De qualquer maneira ao longo da realização da pesquisa não percebi qualquer dano por menor que fosse a qualquer dos



equipamentos que foram utilizados seja por parte dos alunos, seja por parte dos professores (estes só manipulando a máquina fotográfica).

Sei que a opção por não acompanhar os alunos nas filmagens e confecção das fotos, embora na ocasião me parecesse justificável, me fizeram perder a dinâmica de negociação para as entrevistas e também para a realização das fotos, o que nem sempre foi recuperado nas entrevistas.

O tema da autonomia também esteve presente na escolha, por parte dos alunos, de quem deveria ser entrevistado. Eu não havia determinado de maneira rígida quem seria entrevistado, mas em minhas falas sempre fiz referência apenas aos professores e aos alunos da escola. O primeiro grupo não se limitou a entrevistar professores e alunos. Eles entrevistaram também aqueles professores que ocupam momentaneamente um outro papel (os diretores), os funcionários de apoio e o próprio pesquisador. O mesmo aconteceu com o segundo grupo que também entrevistou, além dos professores e dos alunos, os funcionários da escola. O segundo grupo foi ainda mais longe, optando por entrevistar inclusive fora do espaço escolar.

As filmagens e as fotos ofereceram também a oportunidade a alguns alunos de estar em espaços que durante o dia-a-dia da escola tem o seu acesso interditado a eles: a sala dos professores (onde é explicitamente proibida a entrada dos alunos através um cartaz afixado à porta), o departamento de pessoal, a salinha dos funcionários de apoio.

No processo de produção das imagens, os alunos utilizaram o fato de estarem de posse da máquina fotográfica ou da filmadora para legitimar a quebra de algumas rotinas estabelecidas no interior do espaço escolar. Assim, essa arte do fraco, nas palavras de Certeau, permitiu que “sem sair do lugar onde tem de viver e que lhe impõe uma lei”, eles conseguissem instaurar “pluralidade e criatividade. Por uma arte da intermediação ele tira daí efeitos imprevistos”. (CERTEAU, 2004, p. 93).

É interessante observar como a produção das imagens é diferente nos dois grupos. As imagens de 2008 são sempre feitas a partir da câmera posicionada em um tripé, estando a aluna que faz as perguntas, Cassiane, ausente do enquadramento. Em todas as entrevistas que ela realizou a única marca perceptível de sua presença é a sua voz fazendo as perguntas. É possível observar também que a opção pelo tripé, que eu havia disponibilizado como possibilidade, acabou produzindo uma preocupação com os locais em que foram feitas as imagens e certa repetição dos locais das entrevistas. Como a montagem, desmontagem ou deslocamento da câmera fixada no tripé eram



procedimentos que implicavam um certo cuidado, talvez isso tivesse determinado tendência à sua utilização em mesmo lugar.

Em 2009, o grupo escolheu fazer as imagens com a câmera sem apoio fixo, movimentando-se livremente pelos espaços. Nesse caso, também a entrevistadora, Lívia, aparece frequentemente, junto com os entrevistados. Assim, enquanto em 2008 houve uma preocupação com a escolha dos locais em que seriam feitas as entrevistas, que parecem ter sido previamente escolhidos, percebemos que em 2009, as entrevistas foram realizadas em qualquer espaço da escola, entrevistando-se alguns alunos nos corredores, no pátio, na biblioteca. Podemos observar também que em 2009 são constantes as tomadas da entrevistadora circulando pelo espaço da escola em busca de pessoas para entrevistar.

Ao observar as imagens feitas pelos dois grupos com a filmadora, as imagens feitas pelos sujeitos com a máquina fotográfica e a sua participação nas entrevistas onde a filmadora estava sempre presente, pude perceber como a produção de imagens é um aspecto cada vez mais comum na contemporaneidade.

No caso da produção das imagens pelos alunos com a filmadora, o posicionamento da câmera em relação aos entrevistados demonstra em ambos os casos um conhecimento por parte desses alunos, adquirido a partir de seu relacionamento com os produtos visuais da contemporaneidade.

No primeiro caso, em 2008, observei um tipo de enquadramento mais documental, com a opção de filmagens sempre em primeiro plano, valorizando as pessoas que falam, mais do que o ambiente ao seu redor. Houve aí uma preocupação de isolar o contexto da entrevista da dinâmica de funcionamento da escola.

No segundo caso, em 2009, percebi o uso de tomadas mais dinâmicas e a mescla entre a filmagem fixa e móvel. No caso das imagens fixas estas quase nunca foram produzidas com a mesma preocupação de isolamento existente em 2008. O único caso em que isso ocorreu foi quando Lívia entrevistou a bibliotecária da escola. Em todos os outros momentos, as pessoas que ela entrevistou estão em um espaço que também é ocupado por outras pessoas. Isso nos permite observar o cotidiano da escola através das lentes de quem filma (o mesmo acontecendo com as imagens fotográficas feitas posteriormente), ou seja, uma entre tantas formas de ver.

Não sei em que medida posso relacionar minha postura ao longo da pesquisa com a forma pela qual as imagens foram produzidas. Em 2008, eu evitei comentar com os alunos os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa, com medo de influenciar



a sua produção, como se fosse possível a produção totalmente autônoma da parte deles, sem que minha presença produzisse algum efeito. Já em 2009, superando uma visão mais positivista da realização da pesquisa, discuti com os alunos todas as questões que estavam envolvidas na realização de minha pesquisa, não me furtando a emitir análises sobre o tema. Será que minha postura mais neutra em 2008 acabou refletindo a escolha por esse tom mais sóbrio e documental, enquanto em 2009 possibilitou uma produção imagética com enquadramentos menos sóbrios?

Outra questão relevante que pude observar foi a desenvoltura com as imagens por parte dos entrevistados e, mais do que isso, com as próprias lentes que são cada vez mais comuns e que nos seguem em nosso cotidiano. Tal desenvoltura, que hoje observamos por parte das pessoas, nos remetam à naturalidade com que lidamos com a produção, a circulação e consumo dos diferentes tipos de imagens, principalmente com as denominadas imagens técnicas. Esses diferentes tipos de registros imagéticos contribuem assim para constituir as nossas subjetividades bem como as das novas gerações.

Como afirma José de Souza Martins “a imagem, em cada época, educa a visão e os olhos. Portanto, que a imagem produzida pelo homem, segundo diferentes concepções e estilos, diz ao homem, em cada época, quem o homem é”. (MARTINS, 2008, p.20). Vivendo em um mundo onde as imagens técnicas adquiriram essa relevância não podemos evitar refletir sobre ela, pois esse é mundo onde nossos jovens e as futuras gerações constituirão as suas subjetividades.

Considerações Finais

O processo de pesquisa apresenta muitos desafios àqueles que estão dispostos a encará-lo como uma prática que se constitui na relação dinâmica com o outro. Nas palavras de Porto Alegre:

pensar os desafios da imagem nas ciências sociais, em particular na etnografia, é uma forma de refletir criticamente, entrar no debate de questões como subjetividade, reflexividade, relação sujeito/objeto, dialogismo, interdisciplinaridade, representação, estilos, gêneros e formas de linguagem, entre outras temáticas que ganham importância crescente à medida que o realismo etnográfico é posto em cheque e a presença política do cientista social, como interprete autorizado da realidade, ganha espaço no estudo das sociedades contemporâneas (PORTO ALEGRE, 1998, p.111).



O uso da imagem neste processo possibilita uma maior explicitação do caráter sempre negociado de todo empreendimento humano e da pesquisa em particular. Possibilitando aos sujeitos outras formas de expressão, elas enriquecem a sua reflexão sobre o seu lugar nas relações sociais e fornecem aos pesquisadores novas formas de acesso a esses saberes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITENCOURT, Lúcia A. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Míriam L. Moreira (Orgs). *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998. p. 197-212.

CASTRO, Lúcia Rabello. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, Lúcia R. & BESSET, Vera L. (Orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p. 21-42.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 – as artes de fazer*. 10 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstrução através da fotografia. In: SAMIN, E (Org.) *O fotográfico*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 39-45.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. Reflexões sobre a iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Míriam L. M. (Orgs.). *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, SP: Papyrus, 1998. p. 75-112.

SAMAIN, Etienne. Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas ciências sociais. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Míriam L. M. (Orgs.). *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papyrus, 1998. p.51-62.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O fotográfico*. 2ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005. p.19-32.